TOBIAS BARRETO DE MENEZES COMO POETA

Parece-me ser um facto notorio a censura, que me fazem certos criticos da côrte, pelo apreço em que tenho, como poeta e philosopho, o escriptor, cujo nome serve de epigraphe a este artigo. Sou do numero daquelles que reconhecem no publico o direito de tomar contas de todos os actos de um escriptor, e até de quem, como eu, não passa de um rabiscador chocho e inutil; e é esta a razão do máu vezo, que tenho adquirido, de não deixar increpações sem resposta.

Creio, porém, não estar em erro, suppondo que, no ponto vertente, a censura carece de base e não passa de um abuso, sem justificação. Não tenho repugnancia em indicar os motivos publicos que me prendem ao escriptor sergipano, e até as razões particulares que me levam a estimal-o.

Aquelles são de ordem litteraria e ja têm sido expostos, pertencendo á critica averigual-os.

As outras justificam-se por si mesmas: Tobias Barreto é meu patricio, foi professor de meus irmãos ; sua familia teve amisade á minha, e, sobretudo, tanto convivi e aprendi com elle, que o considero meu mestre nas letras.

Creio ainda que em tudo isto nada vae de censuravel, e que a susceptibilidade dos chefes litterarios da côrte não será tão delicada que se magôe com tão pouco. O que não posso tolerar é que se propague um certo charlatanismo que nos leva a considerar qualquer figura minima, que apparece, como uma estrella de primeira grandeza, que no céu do pensamento se fez e vive por si, não tendo relações com os mortaes e só dependendo de seu proprio genio!

Conheço muitos espiritos deste quilate, que do proprio escriptor sergipano foram, em Pernambuco, imitadores, sinão plagiarios servis, e, em romarias litterarias cá pela côrte, apresentaram-se como grandes letrados e poetas, caídos do céu para maravilhar-nos, a nós outros, pobres diabos terrestres, humildes e obscuros.

Estou no meu direito em ter minhas predilecções, e noto que ellas mais se arraigam á medida que soffro os ataques dos invejosos e dos intolerantes. Tanto peior para mim... que mais irreconciliavel me torno com meia duzia de grandes sacerdotes litterarios cortezãos, dirão talvez!.. Tanto peior para elles... que cada vez me parecem mais desfructaveis e banaes, digo por minha parte.

Mas vamos ao assumpto. Apezar de todo o meu enthusiasmo tobiatico, nunca tive ensejo de escrever sobre o grande sergipano na sua qualidade de poeta (1)...

Ainda bem que elle proprio offereceu-me a occasião, tendo a delicadeza de encarregar-me de preparar um prologo para o primeiro volume de suas obras poeticas, prestes a saír dos prelos.

I

Foi na poesia justamente que eu tive repetidas vezes de romper com Tobias Barreto.

Não é que lhe negasse a grande espontaneidade, a força e a graça de seu lyrismo. E' que elle fechava um cyclo litterario,

---

(1) Como critico analysei-o na *Philosophia no Brazil*.

era o ultimo romantico de valor, e eu me deixava levar por outras idéas.

A escola por elle fundada no Recife, tive occasião de a combater por vezes na pessoa de alguns de seus sectarios. (1)

Já se vê, pois, que o meu enthusiasmo admitte certas excepções e com o proprio poeta aprendi a ter o pensamento autonomico. Posso julgal-o desassombradamente na poesia.

Tobias Barreto foi e é, antes e acima de tudo, um poeta. Desde uma das mais velhas que conheço de suas producções, a *Scena Sergipana*, de 1856, até ao *Ainda e Sempre*, deste anno, é o mesmo lyrico, espontaneo e vivace, arroubado e natural. Releva ponderar que dos quinze aos trinta annos, durante um *grande mortalis davi spatium*, só produziu poesias, fundou uma escola, e não se leva impunemente tanto tempo em commercio com as musas. Começou seus estudos superiores já um pouco tarde. No ultimo decennio é que abandonou totalmente, ou quasi, a poesia. Sua carreira poetica divide-se em duas phases bem distinctas: a sergipana (1854—1862) e a pernambucana (1862—1870).

Na primeira muito produziu ; mas quasi tudo se perdeu, devido isto ao seu genio descuidoso, quasi imprevidente.

Na segunda produziu ainda mais; grande parte de poesias perderam-se e as outras jazem occultas nas paginas dos jornaes. E' o que acontece tambem á mór parte de seus trabalhos criticos, que andam esparsos, nunca os tendo sinão limitadamente reunido em volumes (2). E' a razão por que só é bem conhecido, quero dizer, totalmente lido em Pernambuco.

Da primeira phase restam-nos as poesias seguintes: *Scena Sergipana, Guerra Hollandeza, Anhelos, Beija-Flôr, Mãe e Filho* e fragmentos *do Juizo Final*. São as unicas. Todas as outras pertencem á época seguinte. Não é inutilmente que assignalo estes factos e indico as datas.

---

(1) Analyse das *Espumas Fluctuantes* de C. Alves no *Americano* (1870) e das *Peregrinas* de V. Palhares no *Diario de Pernambuco* (1871).

(2) *Ensaios de Philosophia e Critica, Uma carta aberta á imprensa allemã, O Brazil litterario, Um discurso em mangas de camisa* e 6 fasciculos de *Estudos allemães*.

E' que pelo estudo dos trabalhos escriptos por Tobias Barreto, quando ainda não tinha saído de Sergipe, quando nada mais sabia do que a fundo o latim, conhece-se a natureza integral de seu talento poetico, que ainda não tinha sido perturbado por leituras estrangeiras. Possuia já todos os meritos, sem alguns dos seus defeitos : um lyrismo sadio, trescallando um perfeito amor á vida e á natureza, suave e limpido.

Cumpre estudar o poeta em relação ao seu paiz, sua raça, seu tempo e á natureza intrinseca de seu talento, e vêr si elle foi um retardatario ou um espirito ávido de luz, si original e patrio.

No tempo em que se desenvolveu, a poesia brazileira atravessava uma crise, estava em decadencia. A primeira phase do romantismo religioso e caboclo, iniciada por Magalhães, Porto-Alegre e Gonçalves Dias, tinha passado ; a segunda, sêntimental e affectada, seguida por Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães e Junqueira Freire, já desgostava á nação. O sergipano, que era e é ainda, um homem robusto e sadio, não tinha soffrimentos turgidos a contar, e foi naturalista, vivido e arroubado. Romantico na maneira de tratar a poesia, na fórma que se inclinava á de Victor Hugo, não o era no choro affectado e na descrença theatral. Tambem tem peças sentimentaes, é certo ; mas de um sentimento real, inspirado por sua má posição social: era pauperrimo e obscuro.

O autor dos *Dias e Noites*, tal é o titulo do seu primeiro volume de versos, é um dos mais estrenuos e genuinos representantes do povo brazileiro. Nascido em Sergipe, na villa de Campos, em 1839, teve uma dessas criações ao ar livre, ao contacto directo com o povo. Campos é um ninho de lendas e tradições populares. Na poesia anonyma da provincia ella occupa logar conspicuo com suas festas de S. Gonçalo.

Foi o theatro das proezas do *Casumba* e outros typos celebres nas tradições vulgares.

Esse sôpro popular da pequena villa das margens do rio Real, bafejado n'alma do poeta, nunca mais se lhe apagou.

A *Scena Sergipana*, os *Tabaréus*, *Os Trovadores das Selvas* e a *Lenda Rustica* mostram essa origem.

Por ellas e pelos canticos patrioticos, inspirados pela guerra do Paraguay, é que o poeta prende-se ao nosso povo ; é um brazileiro no genuino sentido da palavra.

Nem se diga que elle tem sido um terrivel critico de nossos erros e abusos. Razão de mais para ser brazileiro ; porque deseja o nosso progresso. Sabe-se que o celebre romancista russo Ivan Turgenief ha sido um acerrimo censor de sua patria. Julian Schimidt lhe respondeu que a Russia não póde ser um tão detestavel paiz, desde que produziu um Ivan Turgenief !

E' o que se póde dizer do Brazil: não é tão ruim patria, já que pôde, entre poucos, crear um Tobias Barreto.

O poeta é um nacional em regra, um *mestiço* claro, em que predomina o sangue branco ; a tez accusa essa mescla ; mas o craneo é puramente caucasico ; fronte espaçosa e alta, olhar perscrutador e vivido.

Tem o calor dos homens de sua raça, a loquella forte e animada, a linguagem brusca e colorida, certa tendencia para o pathos ; é um mestiço e um meridional.

Ama o calor, devora café e só póde escrever envolto em fumaças.

E' commodista, e, ainda em Sergipe, era um eximio tocador de violão e excellente cantor de modinhas.

Um traço mais: nunca pediu cartas de empenho, sempre teve ogeriza a empregos publicos ; gosta de viver por si e em pequenas villas ; não póde ter obrigações aturadas e perdeu um anno na Faculdade de Direito, por acordar sempre em hora atrazada. E' um descuidoso, um poeta. Isto pinta o seu genio sem affectação, o seu typo de homem do povo.

Juntae agora a tudo um caracter severo, uma sinceridade de amigo a toda a prova, um amor filial como não me foi dado apreciar outro, uma independencia e altivez sempre promptas contra os grandes e potentados, e tereis a face moral de sua natureza. E' um homem de bem, e só podia ser o poeta da verdade. Nada de convenções e attitudes theatraes. E' simples e lhano. Vi-o quasi louco quando perdeu sua mãe, que elle fôra buscar em Sergipe e que acabou os dias em sua casa.

Não posso comprehender a poesia num homem, cuja vida não tem tambem alguma cousa de original e poetico ; não comprehendo como um pacato filho da côrte, empregado de secretaria, individuo que nunca lutou, nunca soffreu, possa ser um poeta. Este manifesta-se logo em seu modo de ser e de viver.

Que Tobias, porém, o filho de um escrivão pobre, o filho do povo, que hauriu na infancia as lendas da plebe, que saiu da casa paterna aos dezeseis annos para ganhar a vida, ensinando primeiras letras, musica e latim ; que aos vinte e trez atirou-se para o Recife, e, sem recursos, aprendeu comsigo os preparatorios em um anno ; que, alli por um esforço herculeo, estudou a fundo linguas e sciencias, frequentando a Faculdade e leccionando ; que, depois de formado, longe de aceitar empregos publicos, o seu primeiro cuidado foi romper com o Sr. de Villa-Bella, que o quiz catechisar ; que um tal homem, que ha soffrido, seja um poeta, eu comprehendo.

E' preciso ter lutado, sinão tanto como elle, um pouco tambem ; é preciso, antes de tudo, conhecer o povo e ter visto o paiz.

A litteratura cortezã é uma planta de estufa ; uma flôr num vaso, estiolada e murcha.

Tobias Barreto nunca estudou directamente a poesia de nosso povo. Saturou-se porém della, e conhece-a por instincto.

Em Sergipe, quando elle appareceu, a poesia era quasi nulla e só tinha dois cultores de algum merecimento: Pedro de Calazans e José Maria Gomes de Souza.

Tobias ultrapassou-os e muito. Para proval-o, basta citar as duas pequenas peças *Scena Sergipana* e *O Beija-Flôr*.

As poesias puramente sergipanas revelam-nos sua aptidão lyrica, uma das mais pronunciadas do Brazil. O poeta é todo objectivista ; não prantêa ; diz o que viu e sentiu, e não assume ares de philosopho, de raciocinador, nem tão pouco de carpideira.

Uma cousa fica, desde logo, provada, e é que o autor dos *Dias e Noites* já em Sergipe, antes de saber o francez e lêr Lamartine e Hugo, tinha o mesmo estylo que sempre teve e ainda hoje conserva em poesia. Seu modo de dizer é aquelle, é natu-

ral. E' alguma cousa que se parece com a fórma do Victor Hugo lyrista nos bons tempos. Depois é que Tobias tomou conhecimento do grande mestre, e achando-se a gosto naquella corrente da poesia, deixou-se ir por ella abaixo, exagerando-se um pouco. Foi isto nos mezes que passou na Bahia, antes de ir a Pernambuco em 1862.

II

O estado intellectual do Recife nesse tempo era lastimavel: uma mescla de carolice, bebida em Ventura de Raulica e Taparelli, e de palavrosidade metaphysica, tomada de Esquiros, Pelletan e Quinet... Tal a face da Academia.

A poesia era um prolongamento dos *tacapes* de Gonçalves Dias e da *choradeira* de Alvares de Azevedo.

Neste meio saltou Tobias com vinte e trez annos de idade. Ruminou a bordo uma das suas melhores producções: *A' vista do Recife*.

Desde logo as cousas se acharam mudadas; aquelle modo de dizer masculo e iriante era novo.

A chorominga morreu desde ahi; os enthusiastas tomaram o partido do sergipano. Castro Alves, muito mais moço, e apparecido posteriormente no Recife, era do numero delles. Os dois foram amigos. Tobias sempre o distinguiu dentre a turba multa e dedicou-lhe os lindos versos *Os oito annos*. Castro Alves dedicou-lhe *O Rio e o Genio*. Mais tarde, por intrigas e questões de bastidores, brigaram os dois. A luta foi renhida e escandalosa, por causa de duas actrizes.

Na questão puramente litteraria e critica não foi para sorprender que o sergipano contundisse o bahiano, que, si tinha, como fui sempre dos primeiros a reconhecer, um apreciavel talento poetico, não tinha estudos feitos.

Formaram-se dois partidos em torno dos dois poetas. Logo em começo, a nova escola dava o espectaculo de uma luta intestina. Como era natural, os dissidentes e os sectarios das

antigas maneiras saíram a campo, e Tobias foi horrivelmente apedrejado, o que o fez dizer:

« De tantas pedras que atiram-me
Hei de fazer um altar...»

Em 1867, Castro Alves retirou-se do Recife para a Bahia e depois para o Rio e S. Paulo. Teve então a fraqueza de aceitar as recommendações de José de Alencar e do Sr. Machado de Assis!

Quanto ao que toca a este, dava-se o caso do velho annexim popular:—*o carro adiante dos bois*. Castro Alves não era um verdadeiro lutador; não tinha o pessimismo dos *bons selvagens sergipanos*, na phrase de Santa Rita Durão. Fraquejou, e deixou-se impolgar por um homem da tempera do Sr. Machado de Assis, *virtuose* litterario, enroupado á franceza... Desde esse dia o joven poeta bahiano deixou de ser um homem de combate, tinha de retirar-se ou morrer. Deu-se a ultima hypothese.

Os mediocres festejaram-no; mas ainda hoje não sabem qual foi o seu verdadeiro merito.

A época de 1862 a 1870 no Recife, ao influxo de um enthusiasmo de subito desenvolvido, foi um periodo de vida e movimento litterario. Alli appareceram poetas de grande merecimento: Tobias Barreto, Castro Alves, Guimarães Junior, Plinio de Lima, Victoriano Palhares, Carneiro Vilella, Franklin Tavora, Generino dos Santos, José Jorge, Altino de Araujo, Castro Rebello Junior e muitos outros.

Varella lá tambem appareceu durante um anno e distinguiu-se por suas singularidades. Si não deixou-se ir pela corrente geral, não teve força para chamar os outros a si. Era um periodo guerreiro para o paiz e a poesia acostumou-se ao retintim das armas. Ouvimos, então, os nossos mais bellos hymnos patrioticos. O Recife era a passagem de todos os batalhões do norte; o ardor marcial era geral. Tobias recitou os *Voluntarios Pernambucanos, a Capitulação de Montevidéu, os Leões do Norte, Em nome de uma pernambucana* e muitos outros canticos marciaes.

A principio a guerra tinha sido mal recebida em Pernambuco, sempre ferido no segundo reinado; as festas publicas e os brados dos poetas acabaram por acordal-o. Tobias foi o Tyrteu do movimento.

Em 1870, quando se acabou a guerra, já elle estava entregue a outra ordem de idéas ; mas foram ainda chamal-o para saudar os que regressavam da campanha, e recitou a *Volta dos Volunlarios*, uma de suas mais ruidosas poesias. Ahi o poeta já estava um pouco descrente e seu enthusiasmo bastante arrefecido ; entre outras notas, ouviram-se estas :

E oxalá que em algum dia,
Tendo saudades da morte,
Não clameis : « feliz a sorte
Dos que não voltaram cá!...»

Foi assim ; muitos voluntarios arrependeram-se de ter voltado á patria ! Neste paiz, onde, segundo o nosso poeta, *o sol é popular e preside ao trabalho*, onde

— O sol que nos conforta
E' nosso concidadão...,—

a natureza é grande, mas deixou pouco logar para o homem. Si tivermos uma nova guerra no Rio da Prata, duvido muito que ella seja acolhida com o mesmo enthusiasmo de 1864.

Antes de proseguir no estudo do caracter poetico de nosso autor, é preciso dar a conhecer o que elle mesmo naquelle tempo pensava sobre a poesia. Para aqui transcrevo umas palavras por elle escriptas num volume de versos de Paes de Andrade. Ahi revela-se a sua intuição daquelle tempo. Disse o poeta :

« Passa como uma verdade incontestavel que a poesia, a poesia lyrica digna deste nome, é a expressão das lutas da alma humana com o enigma do seu destino.

« A felicidade indefinita, que o homem aspira, é a incognita de um problema sombrio, diante do qual encontram-se perpetuamente embebidos o padre com todas as suas preces, o philosopho com todos os seus calculos, o poeta com todas as suas queixas. A poesia impregnada dos perfumes da religião e das luzes da philosophia, torna-se um alimento suavissimo, um favo de

consolação para os corações solitarios, que não profanam a santidade do padecer com a brutalidade dos prazeres insensatos.

« Deste modo, falsêa o entender daquelles que dão, que empregam como caracter da poesia a creação de um mundo á parte, phantasmagorico, impossivel. Assim como já não é dado ao philosopho recostar-se nas hypotheses, não é dado ao poeta apegar-se aos vagos sonhos dos espectros fumegantes da imaginação febril.

« A poesia de hoje, a poesia do seculo XIX tambem precisa da observação ; o poeta deve ser investigador ; elle tambem pertence á grande aristocracia pensante, a esse grupo de cabeças cheias de todas as auroras do futuro, que têm os ouvidos attentos a todos os silencios mysteriosos, e as frontes batidas por todas as vagas do infinito. Mas no homem que pensa, eu quero vêr tambem o homem que obra. Longe estou de suppôr que para o culto do pensamento, como pretende o Sr. Eugéne Pelletan, seja mister a instituição de uma classe brahminica, sagrada. Seria o sacerdocio da ociosidade. O genio, qualquer que seja a sua manifestação, deve entrar, deve apparecer como parte activa nos trabalhos, nas lutas, nos progressos da humanidade. Dizer ao poeta, ao philosopho, ao pensador em geral—, nós te sustentamos, o teu trabalho é todo intimo—, importa dizer-lhe : divorcia-te da sociedade, renuncia ás doçuras da familia, aos encantos da mulher ; nós iremos te consultar na gruta do teu pensamento, piaga da civilização.

« Não sou do numero daquelles que amam a poesia como um minuto de prazer, um entretenimento de occasião, uma embriaguez de todas as paixões, uma feiticeira nocturna que se occupa de introduzir sonhos de voluptuosidade debaixo do travesseiro da donzella.

« E é a que mais vemos, a que mais temos, a que mais agrada em nossa terra, linguagem da devassidão, linguagem do lenocinio, poesia sensual, dityrambica, immoralissima, pagã.

« Lêde os modernos lyristas amorosos, e vêde : as mulheres apparecem quasi nuas, desgrenhadas, preguiçosas ou nymphomaniacas ; a natureza fluctua em mar de volupias, a brisa é

voluptuosa, a tarde é *voluptuosa*, a flôr é *voluptuosa*, a estrella é *voluptuosa*, tudo é *voluptuoso*. Deus mesmo não escapa, tem os seus momentos de sensualidade!! E depois desta orgia intellectual, ahi temol-os caídos em uns sentimentos *indiziveis*, ou seja o nosso *scismar*, ou o *reverie* dos francezes, ou o *schnsucht* dos allemães, que todos querem dizer *preguiça*, essa estupidez da acção. Debalde procuraremos em poesias desta ordem o sentimento da vida, o sentimento das cousas: «*Lacrymæ rerum*. Nellas a belleza, sobretudo, a belleza feminina é uma exquisitice ridicula. Quando não é um anjo que vem á terra sem um motivo plausivel, é uma mulher microscopica, insignificante, uma descendente bastarda da rainha Mab, mettida num froco de escuma ou na dobra de uma nuvem, que ao muito poderá servir para amante de uma criança, mas nunca para ser a doce consolação de um homem, no sagrado aperto das mãos, na santa união dos destinos: *Consors*.

« E não finda ahi. Si acontece que seja real o objecto de suas adorações, o poeta, metaphoricamente choroso, em vez de apresentar aos olhos de sua querida as delicias, a grata existencia, a suavidade dos laços da familia, procura desapertar-lhe a charpa dos santos deveres, insinuando-lhe tendencias perigosas na impetuosa insolencia de uma poesia animal, balda de prazer para o publico sensato, e surrateiramente prejudicial á sociedade. Com effeito ao homem sério, que tem o gosto do bello e do bom, nada importam, nada deleitam versos que só têm beijos, que falam de mais beijos do que os milhares e centos de milhares que Catullo pedia á sua Lesbia. *Da mi basia mille, deinde centum*. Vemos, dest'arte, a poesia prestar-se aos appetites vergonhosos. Desejos que degradam, palpitações criminosas exprimem-se com toda a audacia da libertinagem. O bom senso indigna-se de vêr a mais bella das artes, a mais doce das linguagens, demittida do seu mister honroso e sublime.

« Seja qual fôr o vigor do seu talento, qual fôr a grandeza de suas concepções, o poeta é sempre um homem, e como tal sujeito ás leis que regem a natureza humana.

« Observa-se, entretanto, que, na época actual, quem faz uma quadra, uma tirada dessas bagatellas que por ahi facilmente correm com o nome de poesia, crê-se logo revestido de uma certa immunidade moral. E é possivel chegar um dia em que os *genios* reclamem tambem a immunidade legal—, porque não ?

« Quando se lhes desculpam as suas tolices, porque são poetas, a sua deshonestidade, porque são poetas, é de esperar que muito breve se lhes desculpe tambem o furto, porque são *genios*, o defloramento, porque são *genios*, e até o assassinato, porque são *genios*. Falemos franco. A poesia rotineira dos nossos dias é a deserção dos principios moraes, é Deus tratado com um certo tom de atrevida familiaridade, é a mulher *metricamente* seduzida, convidada para presidir ao grande banquete da vida licenciosa, é a creação representada como uma cortezã immensa, cambaleando bebada no espaço, de taça em punho, atirando ao infinito a gargalhada do deboche.

« O poeta, fazendo o inventario da natureza de que elle se mostra rei e senhor, não esquecendo nunca — a brisa que suspira, a florinha que se inclina, o regato que murmura, a onda que beija a praia, etc., etc., tem o ar de dizer a qualquer bella que se lhe antolhe, como Satanaz a Jesus: Tudo isto é meu, e eu t'o dou, si te curvares aos meus desejos. E' o requinte do desafôro; não tem outro nome. No livro de um poeta deve-se tomar as dimensões de seu craneo, e palpar as dôres de seu coração. E' bem pequenina a cabeça que não aguenta uma idéa nova, grandiosa e aproveitavel; bem acanhado o peito que apenas póde conter a mesquinhez de triviaes amores. Suffocar, no curso da vida, todas as paixões aviltantes, e deste tormento, dignamente doloroso, fazer brotar os sentimentos nobres que determinam as nobres acções ; provocar, interpellar a natureza, cobril-a com olhar indagador, exigindo-lhe segredos da sabedoria, e ter em resposta o que outr'ora ao santo leproso da Iduméa o abysmo respondia—*non est in me*—; amar, procurar unir-se, purificar-se, diante de Deus, na chama celeste de uma alma de mulher, tudo isto é o assumpto da grande, da verdadeira poesia, porque é ao mesmo tempo o assumpto da vida do homem de bem.

E' de notar a maldição continua lançada pelos poetas contra os homens positivos. E quem são os homens positivos? Serão aquelles que, occupados no seu trabalho, não se demoram um instante para escutar as harmonias phantasticas de algum sonhador allemão, para lêr uma pagina de A. Musset e apreciar poeticamente descriptos os trejeitos e colleamentos de alguma hespanhola voluptuosa, querendo morder como uma féra na estação da berra; para medir com Goethe os pés do hexametro no dorso nú de cortezã romana—, tudo isto em verso, tudo isto em livros que se espalham, que se louvam, que se animam, que se beijam.... serão esses? Oh! então os homens positivos são os homens honestos.»

E' uma de suas boas paginas de prosa; o poeta foi sempre mais ou menos fiel a este programma.

Bem se vê, que o poeta nada tinha da languidez e do epicurismo burguez da poesia immoral. Sua musa nunca teve necessidade de pintar-nos *alcouces, barregãs, crimes esverdiados*, erotismos perpetuos, aphrodisiacas pinturas.

Andava distraído com o enthusiasmo esthetico, o sentimento da natureza, o patriotismo e o amor. Dos poetas portuguezes, parece-se com João de Deus, de quem tem mais de um traço, e dos brazileiros, com Luiz Delfino, de quem tem a elevação das notas, ainda que os exceda a ambos.

E' um cantor altiloco.

Em 1865, escrevia elle as palavras transcriptas, condemnando as immoralidades do romantismo. Dez annos depois Guerra Junqueiro, como prologo da *Morte de D. Juan*, poz alguma cousa de parecido e como quem fazia uma grande revelação.

Tenho sempre associado o nome de Castro Alves ao de Tobias Barreto. Importa mostrar as differenças entre ambos. Considero-os os dois melhores representantes do lyrismo hugoino no Brazil; ambos têm o tom elevado, que os fez denominar de chefes da *escola condoreira*. A verdade, porém, deve ser dita com franqueza: tal genero de poesia nas mãos dos mediocres transformou-se num gongorismo petulante e incorrigivel, numa cascata de palavras retumbantes. Era um coachar incommodo para o ouvido, esterilisador para as idéas. Tobias,

nas suas poesias naturalistas e nas amorosas, foi sempre elevado, mas simples; nas inspiradas pelo sentimento artistico e pelo sentimento patriotico, ás vezes, foi um pouco exagerado.

Castro Alves o foi ainda mais; Tobias o excede na simplicidade e naturalismo.

Um inspirou-se em a natureza, o outro no estado de nossa vida social; um cantou os *Trovadores das Selvas* e o outro o *Navio Guerreiro*, um o *Genio da Humanidade* e a *Lenda Rustica*, o outro o *Livro e a America* e *Pedro Ivo*. Não quer isto dizer que Tobias não se inspirasse tambem no Brazil; inspirou-se e muito, como nos *Tabaréus* e na *Vista do Recife*, mas pelo lado popular e patriotico; Castro Alves o fez pela face social, pelo captiveiro.

Tobias é mais lyrico, mais suave, mais terno, quando é amoroso; mais crepitante, quando encara os grandes assumptos. Castro Alves mais vago, mais sentimental, mais doente; este dirige-se aos miseros captivos de preferencia; aquelle aos homens livres, principalmente....

Aquelle é o segundo élo da cadeia, de que o outro foi o primeiro e Victoriano Palhares o terceiro. O poeta das *Espumas Fluctuantes* foi tido por chefe, por dois motivos principaes: o passar-se para o Rio e S. Paulo e o ter publicado logo o seu livro. Não esqueçamos, porém, que elle nada teve de innovador, não passando de um sectario de Tobias. Esta é a justiça da historia.

III

Vejamos por ultimo a natureza intima do talento poetico do solitario da Escada. O livro que vae sair dos prelos, divide-se em quatro partes, contendo quatro categorias diversas de inspirações: *naturalistas, amorosas, estheticas e patrioticas*. Esta divisão não é caprichosa; origina-se da qualidade mesma das composições. O poeta nunca teve a poesia como uma profissão. Têm-na como tal, certos monomaniacos, que entendem, lá de si para si, que são poetas, por graça de Deus

ou do diabo; que julgam ter necessidade de fazer versos, como outros julgam que não podem viver sem purgar-se a miudo. E' uma cousa terrivel a mania do versejador de profissão, que se concentra para accumular rimas e rimas e compôr longas machinas de martyrio, verdadeiras polés para o leitor, como a *Independencia do Brazil* ou a *Confederação dos Tamoyos*. Tobias Barreto nunca fez planos, nem cogitou em vastas obras. A poesia para elle era uma questão de festa, de alegria, de divertimento.

Nessas occasiões poetava, como um passaro canta ao ruido material. Tal o verdadeiro poeta, aquelle que só escreve para vazar no papel alguma cousa que nelle transborda, ou seja a tristeza, ou o enthusiasmo. Tobias Barreto era um desses destemidos

« Corações acrysolados
No brazileiro sentir...»

era um desses meridionaes, sonhadores, descuidosos, que pegam fogo por qualquer cousa.

Qualquer que seja a doutrina que se professe sobre a natureza da poesia, não se lhe póde negar que ella é a vida em geral, a natureza e o homem, interpretados pelo sentimento. As grandes creações da humanidade não passam de quatro:—a sciencia, a philosophia, a religião e a arte.

A sciencia é o universo interpretado pelo raciocinio e pela observação; a philosophia é a sua synthese racional e subjectiva; a religião é a origem, a causa primeira, o desconhecido em face de nossa pequenez e do acanhado de nossos conhecimentos; a arte em geral e a poesia, em particular, vem a ser tudo isso de que se occupam as outras, mas tudo diante das emoções que em nós se despertam pelo espectaculo das cousas, pelas peripecias da vida. A poesia é isto. Como tal, ninguem a sentiu melhor do que o poeta dos *Dias e Noites*.

Dessa sua qualidade essencial originou-se justamente o seu maior defeito, que consistiu sempre e sempre em baratear o seu talento. É para impressionar o enthusiasmo impossivel de que Tobias deixava-se apoderar diante de uma

actriz ou de um cantor mediocre. A fonte perenne do sentimento é nos poetas, ás vezes, um inconveniente: o arderem não raro por uma cousa insignificante. Em tudo acham um encanto, um motivo para um transbordamento. Tobias é destes; tudo a seus olhos toma proporções excepcionaes.

O Brazil *é a joven patria de heróes, uma lasca do globo que dá para vinte nações;* a Tamborini *tem phrases de ouro na boca*; o rabequista Muniz Barreto é *o genio que ser maior é morrer;* o Recife é a *cidade das galhardias, da raça das Romas tombadas e das Babylonias em pó...*

Ao travez do sensorio do poeta as cousas e os factos se avolumam; o inspirado só póde cantar o que é grande, e, quando o objecto é pequeno e vulgar, a imaginação suppre o que lhe falta em grandeza.

E' um exagero sublime; mas sempre um exagero. Bem haja aos poucos que delle são capazes; porque são os verdadeiros poetas. A arte só é possivel sendo vaga, geral, indeterminada, e, para tudo dizer numa palavra, sendo em certo sentido *falsa*. A poesia é sempre falsa cotejada com a realidade, que lhe está sempre abaixo ou acima; mas é sempre verdadeira cotejada com o estado emocional do poeta, que é, até certo ponto, um visionario.

Tobias Barreto, eu o julgo melhor nas suas poesias geraes e naturalistas, como o *Genio da Humanidade*, a *Caridade*, a *Lenda Rustica*, os *Tabaréus*, os *Trovadores das Selvas*, *Oito Annos*, *a Polka*, e outras. Ahi seu talento é realista, objectivista.

Nas poesias amorosas, ainda o aprecio quasi tanto; por ser sempre lucido e verdadeiro.

As inspiradas pelo sentimento esthetico, desperto pelos espectaculos e festas, a que assistia, me agradam só como modelos de força e de graça, como typos de metrificação.

Os canticos patrioticos são alguma cousa de original, que não encontra muitos congeneres em todas as litteraturas. Aquelle falar tem algo de desusado; são phrases vibrantes, que se enterram como dardos acerados; alli ha a limpidez das espadas, o silvo das balas e o troar dos canhões. Tobias criou

e matou este genero; depois delle é uma innocencia querer tental-o de novo.

As artes vivem essencialmente pelo prestigio da fórma; o estylo é quasi tudo em poesia. Neste ponto, o poeta da *Lenda Rustica* tem uma feição propria, consistente em um certo laconismo forte e rutilo. Póde-se bem vêl-o na seguinte estrophe de 1861 de um *quadro historico* sobre aguerra hollandeza:

«Barreto diz:—Somos poucos
De encontro ao troço hollandez;
Que vamos fazer, oh loucos ?!
Morrer inglorios, talvez! —
— General, brada Vieira,
Foi minha a idéa primeira,
O passo primeiro, é meu...
Morreremos neste extremo...—
— Camarão ruge: não temo! —
— Henrique Dias: nem eu! —»

Eis ahi todo um complicado dialogo comprimido numa estrophe. Em todas as suas poesias, além de tudo, o nosso autor nunca usou de uma só palavra peregrina, cujo significado se tenha de ir procurar no diccionario; seus termos são simples e vulgares; é a lingua singela e rutila do povo.

Eis ahi o que foi e o que é Tobias Barreto como poeta: um lyrista brilhante pela imaginação e commovedor pelo sentimento.

Paulina Moser, poetisa allemã, nos bellos versos que lhe dirigiu, diz que elle no *allemanismo* achou o genio que o ha de levar á immortalidade:

«Nationalstolz auf Wahrheit gebaut
Wohl allemal Ehr'und Achtung gebührt;
Du, Meneses, hast im dem Deutschthum geschaut
Den Genius, der Dich zur Unsterblichkeit führt».

Eu o creio bem; mas ainda quando o *teuto-sergipano* não houvesse escripto uma só palavra como prosador, seu nome ficaria garantido por suas producções poeticas.

SYLVIO ROMÉRO.